

XUKURU-KARIRI:

mobilidades espaciais indígenas em Alagoas na segunda metade do século XX

Xukuru-Kariri: indigenous space mobilities in Alagoas in the second half of the 20th century

Adauto Santos da Rocha¹

Edson Silva²

Artigo recebido em: 07/12/2019

Artigo aceito em: 11/03/2020

RESUMO

Neste artigo, buscamos estabelecer diálogos entre documentos escritos, memórias dos índios Xukuru-Kariri (habitantes em Palmeira dos Índios, Semiárido de Alagoas) e os registros históricos que evidenciaram as mobilidades desse povo indígena para trabalhos sazonais, em razão do esbulho territorial e expansão agropecuária na região. Discutimos os percursos até as cidades de destino e os retornos para as aldeias Xukuru-Kariri. Além de entrevistas com indígenas migrantes, realizamos pesquisa documental nos acervos do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas e do Museu do Índio/Rio de Janeiro. Como referencial teórico, nos embasamos em: Silva Júnior (2013); Silva (2014); e Oliveira (1999; 2011) para discutir as migrações indígenas em atividades sazonais durante a segunda metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Esbulho; Migração circular; Trabalho; Retorno.

ABSTRACT

In this article, we seek to establish dialogues between writer documents, memories of the Xukuru-Kariri indians (inhabitants of Palmeira dos Índios, Semiarid of Alagoas) and the historical records that evidenced the mobility of this indigenous people for seasonal Works, due to territorial debris and expansion livestock in the region. We discussed routes to destination cities and returns to Xukuru-Kariri villages. In addition to interviews with indigenous migrants, we conducted documentar research in the collections of the Research Group on Indigenous History of Alagoas and the Museum of the Indian/Rio de Janeiro. As a theoretical reference we are based on: Silva Júnior (2013); Silva (2014); e Oliveira (1999; 2011) to discuss indigenous migrations in seasonal activities during the second half of the century XX.

KEYWORDS: Splatter; Circular migration; Job; Return.

¹ Mestrando em História pela UFCG; Bolsista da CAPES; Integrante do GPHIAL. E-mail: adauto-rocha49@gmail.com.

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8217249U0>

² Doutor em História Social pela UNICAMP; Professor Titular de História na UFPE; Professor colaborador no PPGH da UFCG. E-mail: edson.edsilva@hotmail.com. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4798394T6>

Nas trilhas das pesquisas

Nesse artigo discutimos os fluxos de indígenas Xukuru-Kariri (habitantes no município de Palmeira dos Índios/AL) em busca de trabalhos sazonais e circulares no corte de cana, produção fumageira e para outras atividades, em decorrência do crescimento demográfico³, falta de terras disponíveis para a agricultura, secas frequentes nas regiões de origem e insuficiente assistência estatal, representada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) na segunda metade do século XX.

A atuação do SPI no Semiárido alagoano decorreu de mediações do Padre Alfredo Dâmaso e ajuda financeira dos indígenas no Paraná, possibilitando a compra de 346 hectares (ha) de uma propriedade do então Prefeito de Palmeira dos Índios, Manoel Sampaio Luz (conhecido como “Juca Sampaio”) em meados do século XX. Após negociações e tramitações burocráticas entre “Seu” Juca Sampaio e o Estado, foram repassados 276 ha de terra. Na localidade recém adquirida formou-se a Aldeia Fazenda Canto e instalou-se o Posto Indígena Irineu dos Santos⁴, com a finalidade de aldear indígenas que viviam dispersos na zona urbana de Palmeira dos Índios e em cidades adjacentes, atuantes em trabalhos como vaqueiros e “meeiros” em fazendas da região (BEZERRA, 2018; MARTINS, 1994).

A principal característica do sistema de “meia” consistia na divisão da produção agrícola com os detentores das áreas agricultáveis emprestadas, todavia, para manter o trabalho compulsório, os fazendeiros soltavam o gado dentro das lavouras antes da colheita, portanto, a migração para o Posto Irineu dos Santos representava a possibilidade de viver com condições mais dignas do que a semi-

³Crescimento demográfico e recenseamento dos indígenas Xukuru-Kariri. Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado pelo Inspetor Spencer da Silva Melo para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 31 de março de 1957. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 02 – Fotog. 146, 147. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

⁴O nome do Posto foi para homenagear Irineu José dos Santos, Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios assassinado no Mato Grosso por Joaquim Fausto Prado, em razão de conflitos pessoais e desmandos administrativos no SPI, como acusações de uso inadequado dos recursos pertencentes ao referido órgão. Ver FLORES, 2018, p. 301.

escravidão das fazendas⁵. Apesar da assistência estatal, referenciada na construção do Posto Irineu dos Santos, o processo de aldeamento na Aldeia Fazenda Canto revestiu-se na possibilidade de controle da mão de obra indígena pelo Estado, com a formação de “centros agrícolas”⁶ e fixação de indígenas que migravam para trabalhos sazonais:

Se o *sibícola* era capaz de evoluir, o Estado era o agente mais apto a gerir e acelerar este processo através de métodos racionais, sendo o principal obstáculo a ser superado o seu *nomadismo natural*. Evidencia-se assim o caráter fundiário subjacente a tutela indigenista, cuja principal tarefa era *fixar* e concentrar populações indígenas dispersas em áreas extensas para transformá-los em trabalhadores nacionais (agricultores, pequenos proprietários rurais) inserindo-os em um sistema de intervenção territorializado em postos de atração e fixação, povoações indígenas e centros agrícolas (PERES, 2011, p. 322).

Os fluxos migratórios Xukuru-Kariri permaneceram após a implantação do Posto Indígena Irineu dos Santos, as tentativas de controlar os deslocamentos dos indígenas não foram eficientes pela falta de assistências do SPI, possibilitando a formação de redes migratórias em Palmeira dos Índios e com outros povos no Nordeste, como os Pankararu⁷.

Portanto, nosso intuito foi analisar documentação disponível no Museu do Índio/RJ sobre as saídas e entradas dos indígenas no Posto Indígena Irineu dos Santos. Informações que facilitaram a criação de quadros sobre a distribuição de implementos agrícolas, alimentos e análises de perfis dos indígenas migrantes, dados que serão discutidos ao longo do texto.

Além de pesquisas nos acervos do Museu do Índio, recorreremos aos documentos que compõem o acervo do Grupo de Pesquisas em História Indígena de

⁵Para maiores discussões sobre atividades Xukuru-Kariri em fazendas, ver ROCHA, 2017, p. 42-43.

⁶“Os centros agrícolas visavam transformar populações *rústicas* num contingente de pequenos proprietários agrícolas, tornando-os úteis para o país através do aprendizado de formas racionais do uso da terra e de um emaranhado de instrumentos normativos que visavam o controle da produção e da circulação dos recursos e da força de trabalho” (PERES, 2011, p. 322).

⁷Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos à Inspeção Regional 4. Palmeira dos Índios, 31 de julho de 1962. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Caixa 169. Planilha 04, fotog. 142-143.

Alagoas (GPHIAL), por conter: fotografias, mapas e jornais sobre a presença indígena em Alagoas, sobretudo no cotidiano de Palmeira dos Índios durante o século XX. Outra metodologia utilizada para a construção do texto foi o uso da história oral⁸, entrevistamos indígenas que vivenciaram a atuação do SPI no Semiárido alagoano e que migraram dos territórios indígenas⁹ na procura de melhorias em centros urbanos ou para trabalhos temporários em canaviais da Zona da Mata em Alagoas.

Nossas pretensões em discutir as relações de trabalho indígena Xukuru-Kariri não aconteceram de maneira aleatória, as reduções nas “escalas de análise”¹⁰ revelaram situações semelhantes as quais outros postos indígenas vivenciaram sob a gerência do SPI no Nordeste, como: estiagens frequentes, escassez de terras e insuficiência de alimentos nos territórios indígenas¹¹. Além do mais, as dinâmicas de trabalhos dos P.I’s pretendiam transformar os indígenas aldeados em trabalhadores rurais, contrapondo as distintas situações históricas vivenciadas sob a incumbência do Estado (PERES, 1999).

A implementação dos Postos Indígenas pelo SPI após o reconhecimento oficial¹² presumiu a formação de “indianidades”¹³, elementos diacríticos utilizados para diferenciar as expressões socioculturais dos povos indígenas face a implementação da política assistencialista, marcada pelo caráter transitório de indígenas que migravam compulsoriamente na procura por melhores condições de vida. Os deslocamentos permitiram uma “reconstrução permanente das

⁸Ver ALBERTI, 2004.

⁹O conceito de “território” que utilizamos neste trabalho está embasado nos escritos do geógrafo Santos (1998). Buscamos situar o território em sua dinâmica a partir dos usos e apropriações pelos diferentes agentes sociais, pois, “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social” (SANTOS, 1998, p.15).

¹⁰ Ver REVEL, 1998, p.19.

¹¹Relatório enviado pelo Inspetor Silvio dos Santos para Raimundo Dantas Carneiro, Chefe da Inspeção Regional 4, em 6 de junho de 1947 informando a insuficiência de terras e a falta d’água nos Postos Indígenas Caramurú e Paraguaçu. IR-4\064 Postos Indígenas Caramurú-Paraguacu, caixa 144. Planilha 03 – Fotog. 01, 02. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

¹²Ver OLIVEIRA, 1999.

¹³Ver OLIVEIRA FILHO, 1988, p. 14.

identidades”¹⁴, tendo em vista as alterações constantes entre as aldeias e os diversos locais de destino e as duplas expressões sociais: afirmação étnica na Aldeia Fazenda Canto e silenciamento identitário nos mundos do trabalho.

Em Palmeira dos Índios, o Posto Indígena Irineu dos Santos prestou assistência aos Xukuru-Kariri com distribuições de utensílios agrícolas¹⁵, plantações de cereais¹⁶ e criação de animais alimentados com palmas que eram produzidas pelos indígenas¹⁷. As informações eram remetidas a chefia da inspetoria através de “avisos” enviados pelos inspetores com informações sobre entradas e saídas dos indígenas, plantações, colheitas, manejo com animais do posto e preocupações pela estada dos Xukuru-Kariri nas periferias em Palmeira dos Índios pela insuficiência territorial¹⁸.

Embora o Posto Irineu dos Santos tivesse sido criado sob a gênese de proteção e com o propósito de aldear indígenas Xukuru-Kariri dispersos pelos arredores da Aldeia Fazenda Canto, a insuficiente assistência do Estado possibilitava movimentos de idas e vindas entre o território indígena e os mundos do trabalho ao longo do século XX¹⁹.

Haviam poucas possibilidades de permanência Xukuru-Kariri na localidade face aos constantes deslocamentos para atividades de trabalho, dissonantes à proposta

¹⁴Ver BARTH, 2000, p. 20.

¹⁵Telegrama enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 26 de abril de 1953 pedindo suprimentos agrícolas e sementes para distribuir aos Xukuru-Kariri. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 01 – Fotog. 52. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

¹⁶Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 29 de fevereiro de 1956. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 02 – Fotog. 61, 62. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

¹⁷Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 28 de fevereiro de 1961. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 04 – Fotog. 70, 71. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

¹⁸Relatório enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Diretor do SPI, Cel. Hamilton de Oliveira Castro em 20 de abril de 1966. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 06 – Fotog. 210, 211, 212, 213, 214. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

¹⁹Ver SILVA JÚNIOR, 2013.

representada pelo SPI no Semiárido alagoano para contenção das desoladoras migrações Xukuru-Kariri. As plantações de palma forrageira realizadas pelos indígenas e geridas pelos chefes do posto, chegaram a serem vendidas, e, os parques cercados foram arrendados a terceiros por funcionários do Posto Irineu dos Santos, agravando a produção leiteira utilizada para alimentação indígena e contenção nas altas taxas de subnutrição e mortalidade infantil. Sem trabalho, terra e com fome, formavam-se condições cruciais para os deslocamentos Xukuru-Kariri²⁰.

Demos ênfase aos deslocamentos realizados por indígenas que habitavam na Aldeia Fazenda Canto, todavia, também evidenciamos experiências de trabalho vivenciadas por índios Xukuru-Kariri habitantes em outras aldeias, como a Mata da Cafurna, por exemplo. Direta ou indiretamente, as migrações em busca de melhores condições de vida estiveram ligadas a falta de assistência do Estado em Palmeira dos Índios, portanto, a gênese do descaso a partir da instalação do Posto Irineu dos Santos e a formação de redes migratórias reverberou nos deslocamentos de indígenas em outras aldeias na segunda metade do século XX²¹.

Trabalhos e migrações do Posto Indígena Irineu dos Santos

Em 1953, um ano após a criação do Posto Indígena Irineu dos Santos, iniciou-se o fluxo de indígenas que migravam e retornavam aos territórios Xukuru-Kariri na procura por empregos, migrações compulsórias pelo crescimento demográfico, secas frequentes e doenças que infectavam a população indígena.

²⁰Denúncia enviada por Cícero Cavalcanti, Encarregado pelo Posto Irineu dos Santos, ao Ministério da Agricultura. Palmeira dos Índios, 02 de fevereiro de 1959. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Caixa 169. Planilha 06, fotog. 309.

²¹“Transferidos para essa fazenda totalizamos agora quase 600 pessoas, número aliás que não corresponde à quantidade de índios evidentes no município. Muitos outros, que deveriam ali estar, não podem fazê-lo, visto que não há terra suficiente para nela trabalharem, sendo obrigados, por isto, a se dispersarem como indigentes, trabalhando a um e outro esporadicamente”. In: Abaixo assinado para o Ministério do Interior. Palmeira dos Índios, 16/06/1979. Disponível no acervo do GPHIAL.

Em “aviso”, o Posto Irineu dos Santos informou a Inspeção Regional 4 (IR-4), sediada no Recife, sobre a gravidade e pediu providências imediatas para evitar o alastramento da doença: “este mês surgiu entre os Xucurús uma epidemia de varíola. Não houve óbito. Os índios que não foram atacados serão vacinados, tão logo cheguem as vacinas do departamento de educação e saúde do Estado”²². Um mês após o pedido foram vacinados 42 indígenas portadores da referida patologia²³.

Dois anos depois, casos de contaminação por varíola voltaram a ocorrer e os encarregados pelo Posto Irineu dos Santos pediram providências emergenciais a IR-4, para conter a disseminação e evitar o contágio de outros Xukuru-Kariri. Sem respostas, foi realizado novo pedido de recursos e vacinas para resolver os casos verificados²⁴, não encontramos registros de vacinação dos contaminados e controle epidêmico.

Além da varíola, era comum a disseminação de outras doenças contagiosas, como uma “epidemia de gripe acompanhada de febre” que atacou boa parte dos indígenas, forçando o Posto Irineu dos Santos a adquirir medicamentos para conter a doença²⁵. O descaso do Estado²⁶ em relação a prevenção, controle e erradicação de determinadas patologias, aliado a outros fatores, forçava os Xukuru-Kariri a migrarem em busca de sobrevivência. As saídas de indígenas adultos e crianças foram registradas

²²Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos à Inspeção Regional 4. Palmeira dos Índios, 30 de novembro de 1953. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Caixa 169. Planilha 01, fotog. 16.

²³Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos à Inspeção Regional 4. Palmeira dos Índios, 31 de dezembro de 1953. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Caixa 169. Planilha 01, fotog. 18.

²⁴Telegrama de Mário da Silva Furtado para Ramundo Dantas Carneiro, Chefe da IR-4. Palmeira dos Índios, 10 e 17 de outubro de 1955. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Caixa 169. Planilha 02, fotog. 56-57.

²⁵Telegrama de Mário da Silva Furtado para Ramundo Dantas Carneiro, Chefe da IR-4. Palmeira dos Índios, 07 de fevereiro de 1953. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Caixa 169. Planilha 02, fotog. 52.

²⁶Em fins do século XX, evidenciou-se forte presença de vermes parasitas na Aldeia Fazenda Canto: “a água que os índios utilizam está sempre contaminada e é grande a incidência de verminoses, principalmente entre as crianças”. In: Memorial descritivo e mapa de delimitação Xukuru-Kariri (3ª SUER). Recife, 14/08/1988, p. 101. Disponível no acervo do GPHIAL.

nos “avisos” produzidos pelos inspetores e enviados para a administração da IR-4, conforme o Quadro 01:

ANO	MÊS	MENINAS (MEN. 12 ANOS).	MENINOS (MEN. 12 ANOS).	MULHERES	HOMENS
1953	JANEIRO				
1953	FEVEREIRO				
1953	MARÇO				
1953	ABRIL	51	38	98	84
1953	MAIO	51	38	98	84
1953	JUNHO	51	38	98	84
1953	JULHO	25	18	39	41
1953	AGOSTO	25	18	30	40
1953	SETEMBRO	25	19	39	41
1953	OUTUBRO	25	13	14	28
1953	NOVEMBRO	25	15	14	26
1953	DEZEMBRO	25	15	14	26

Quadro 01: Demografia Xukuru-Kariri no Posto Indígena Irineu dos Santos em 1953.

Fonte: Museu do Índio/Rio de Janeiro.

Adaptações: Adatao Rocha.

O crescimento demográfico, verificado na documentação e apresentado no quadro anterior, evidenciou as migrações como alternativas de diminuição da população dependente do Posto Indígena Irineu dos Santos. As atividades desenvolvidas fora dos territórios indígenas estabeleceram laços de ligação que se fortaleceram através de migrações sazonais, conforme destacamos na tabela anterior. Sobre as migrações como alternativas para diminuição demográfica o antropólogo Fredrik Barth escreveu:

Na maioria das situações, porém, os sistemas poliétnicos que temos observado envolvem processos bastante complexos de movimento e ajuste populacional. Torna-se claro que vários outros fatores além da fertilidade e mortalidade humana afetam os balanços demográficos. Tomando um determinado território, há, por exemplo, fatores relativos aos deslocamentos individuais e grupais: a emigração que alivia a pressão, a imigração que faz com que um ou vários grupos que residem no mesmo lugar se mantenham como postos avançados de reservatórios populacionais maiores situados em algum outro lugar. A migração e as conquistas têm papel intermitente na redistribuição das populações e nas mudanças de suas relações (BARTH, 2000, p. 42).

Os deslocamentos Xukuru-Kariri motivaram o uso da força de trabalho de crianças e mulheres atuantes como estagiárias do SPI e, posteriormente, da Fundação Nacional do Índio (Funai) na área de puericultura e maternidade²⁷. Outras atividades exercidas foram em fazendas, no cultivo e corte de cana e na construção civil em Alagoas. Ao recordar o início dos trabalhos em canaviais, Sebastião Cosme de Oliveira (“Seu” Basto Cosme)²⁸ argumentou:

Com quinze anos, toda a vida morei ali em cima, pequenininho, pequenininho. Chegou um conhecido do meu pai lá em casa aí falou - eu já tinha andado para a escola, já sabia assinar meu nome e os de umas pessoinhas – aí ele chegou lá em casa e disse, o meu pai se chamava Ciço, aí: “Ciço, e esse menino? Ele sabe ler e escrever o nome de alguma pessoa?” Aí o pai disse: “Sabe!”. Eu estava na fase da escola ainda, estava na escola, estudando, ainda, mas já estava farrapando que estava indo trabalhar para ganhar uma besteirinha. Aí ele disse: “Sabe”. [...] Eu já estava meio prático mesmo, conta de dividir eu dividia por seis algarismos, hoje não divido nem por dois. Se eu for dividir, é por dois, apulso! Porque nesse tempo a gente, era tudo manual, não tinha máquina, não tinha nada! A gente fazia conta de multiplicar [...] esses cadernos pequeninhos, era uma página daquela para uma conta só de dividir, eu botava os seis algarismos em cima, até o nove e eu saía dividindo, dividindo, até chegar embaixo, eu achava bonito! Eu ganhava nota dez na escola! Eu e um tio do Gênio Messias, aquele que a gente chamava de “Edi”.

Segundo “Seu” Basto Cosme, a presença de crianças nos trabalhos fora dos territórios indígenas era frequente pela falta de escolaridade e insuficiência de alimentos nos locais de origem. O entrevistado recordou ter vivenciado épocas em que colegas de trabalhos somente frequentavam as escolas após completarem a maior idade:

Era sufoco, a vida do agricultor fraquinho, hoje não, hoje estão todos ricos, que hoje não tem mais fazendeiro, hoje não tem mais essas coisas, já foi proibido. Um menino nascia na usina, nas fazendas, só ia para a escola, quando ia pra escola estava com catorze, quinze anos, já. Era um menininho, com nove anos nós já cortava cana igual um cabra velho daqui

²⁷Relatório do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado para a Raimundo Dantas Carneiro, Chefe da IR-4. Palmeira dos Índios, 22 de outubro de 1964. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro/Sedoc. Disponível no acervo do GPHIAL.

²⁸Sebastião Cosme de Oliveira, ““Seu” Basto Cosme”, 64 anos. Aldeia Fazenda Canto, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 09/02/2019.

de cima, mais do que eu, se fosse contratado um molequinho de nove anos, dez anos, cortava mais do que eu. O menino ir para a escola era um bicho, por que [...] foi proibido né? Esse negócio de menino sair pra trabalhar na roça com catorze anos, quinze anos, essas coisas, né?!

Nas usinas, “Seu” Basto Cosme atuou como “cabo de turma”²⁹, lavrador, vigilante e servente de pedreiro. Durante as pesquisas evidenciamos a reprodução de itinerários migrantes para as primeiras moagens de cana nas usinas, entre os meses de fevereiro até junho. O contingente de indígenas migrantes aumentava durante a segunda fase de moagem da cana, entre os meses de julho até dezembro, por serem períodos de estiagens nas regiões de origem dos Xukuru-Kariri.

Os deslocamentos até a Zona da Mata eram realizados em “gaiolões” fornecidos pelas usinas. Durante os finais de semana, o citado transporte esperava indígenas migrantes nas cidades de Pariconha e Delmiro Gouveia (Sertão de Alagoas) e seguia sentido a Palmeira dos Índios, percorrendo as veredas em direção ao “Sul”³⁰ alagoano. O indígena Pankararu³¹ Cícero Terto do Nascimento³² (conhecido como “Grilo”) recordou a época de deslocamentos para o “Sul” nos “gaiolões”:

Saía pra um lugar chamado Delmiro, pega os gaiolão ai em Delmiro, aquelas carreta, se manda nesse meio de mundo aqui. Depois que eu já to aqui veio na minha lembrança que eu já tinha passado nessa região, no “Sul” cortar cana aqui. Ai sai pra cá mais eles, cortar cana mais eles lá.

²⁹A função do “cabo de turma” era formar e supervisionar grupos de trabalhadores para o corte de cana, além de se responsabilizar pela medição ou pesagem da monocultura no fim da atividade trabalhista. Ver COVER, 2011, p. 17-18.

³⁰De acordo com as memórias dos Xukuru-Kariri o termo “Sul” se refere à Zona da Mata em Alagoas.

³¹Os contatos interétnicos entre os indígenas Pankararu e Xukuru-Kariri aconteceram, historicamente, desde a criação do Posto Indígena Irineu dos Santos. Telegrama enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 24 de fevereiro de 1955. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 02 – Fotog. 52. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

³²Cícero Terto do Nascimento, “Grilo”, 53 anos. Aldeia Mata da Cafurna, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 23/03/2019.

Outro indígena que usou os “gaiolões” como meios de transporte até o “Sul” foi o “Seu” Geraldo Mascena³³ (conhecido como “Santa Luzia”), de acordo com o entrevistado:

A primeira vez que eu fui pra usina eu tinha 17 anos. De lá nós vinha aqui pra um lugar chamado Pariconha, perto de Delmiro Gouveia, e tinha aqueles gaiolão, que levava nós para as usinas. Aí nós ia, trabalhava dois três meses e retornava quando tinha saudade da família. E mesmo nós tinha que, aquele dinheirinho que ganhava, juntar para levar pras mães e os irmãos comer. Aí você deixava o dinheiro e retornava. Passava três, quatro meses e voltava pra levar aquele dinheiro pra dar assistência a quem tava em casa.

Outro meio de transporte utilizado pelos indígenas para deslocaram-se até a Zona da Mata alagoana eram os trens. De acordo com as pesquisas realizadas, a presença de crianças e mulheres na estação ferroviária em Palmeira dos Índios era frequente, pois, as migrações compulsórias possibilitavam a procura por melhores condições de sobrevivência distante dos locais de origem, conforme evidenciamos na imagem a seguir.



Fotografia 01: Estação ferroviária em Palmeira dos Índios em 1933.

Foto: autor desconhecido.

Fonte: acervo do GPHIAL.

³³Geraldo Mascena da Silva, “Santa Luzia”, 60 anos. Aldeia Mata da Cafurna, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 27/03/2019.

As realidades descritas nos semblantes dos viajantes que compõem a imagem anterior, dialogam com os relatos de memórias dos indígenas Xukuru-Kariri migrantes do Posto Indígena Irineu dos Santos durante a menor idade para exercerem atividades de trabalho em usinas na Zona da Mata em Alagoas. No Nordeste, outros povos indígenas exerceram atividades em usinas do “Sul”, a exemplo dos Xukuru do Ororubá (habitantes nos municípios de Pesqueira e Poção, interior de Pernambuco). Sobre os deslocamentos de indígenas Xukuru, o pesquisador Edson Silva escreveu:

A migração era motivada pela capacidade do processo produtivo do açúcar de absorver anualmente grandes contingentes de mão-de-obra, aliada à insuficiência de terras pelas pequenas dimensões das propriedades ou ainda pela sua baixa produtividade para manutenção das famílias em seus lugares de origem (SILVA, 2014, p. 231).

Assim como os Xukuru, a concentração fundiária transformou-se na principal matriz formadora dos grupos de indígenas Xukuru-Kariri que migravam para atividades nos canaviais alagoanos. Além de serem mal remunerados nas usinas, os indígenas Xukuru-Kariri eram compelidos a comprar nos “barracões”, estruturas criadas nos interiores das usinas que serviam como espaços para obtenção de alimentos, vestimentas, produtos de limpeza e instrumentos utilizados durante o cultivo e colheita da cana de açúcar, como: luvas, enxadas e foices.

Segundo os indígenas, o “barracão” não era apenas uma estrutura física que possibilitava comercializações de produtos, as relações utilizadas durante as negociações tornavam evidentes as intencionalidades das usinas em manter trabalhadores ativos no corte de cana através do superfaturamento nos produtos comercializados pela “dominação” no monopólio comercial³⁴.

Ao lembrar-se do período em que atuou na moagem da Usina Coruripe, Sebastião Ricardo³⁵ (conhecido como “Dato”), afirmou que os barracos cedidos para

³⁴Para situações semelhantes, ver OLIVEIRA, 2015.

³⁵Sebastião Ricardo da Silva, “Dato”, 60 anos. Aldeia Fazenda Canto, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 06/02/2019.

moradia durante a colheita da cana eram feitos de madeira e os trabalhadores das usinas ficavam amontoados pela precariedade estrutural fornecida pela usina nos locais de destinos.

Outro Xukuru-Kariri que recordou a presença de “barracões” nas usinas foi o indígena Francisco Félix, (“Seu” Chico Aleixo)³⁶. Durante as pesquisas, o entrevistado rememorou ter trabalhado nas usinas Ouricuri, Camaçari, Utinga Leão e Uruba. Ao ser perguntado sobre a aquisição de alimentos no “Sul”, o entrevistado afirmou:

O barracão é muito ladrão, um quilo de “ceará” você trabalha a semana todinha para comprar um quilo, é muito caro as coisas de lá. Se você tiver devendo num lugar daqueles não vem mais nunca. Eu levava mão cheia de farinha daqui com uma piaba passava a semana lá, não comprava nada no barracão mode isso, eu já sabia que o barracão... eu via lá, caba mitido no barracão a semana todinha, toda noite ia lá, para o barracão, fazer compras, toda noite, também não saía de lá, só era lá, preso por vida.

O retorno para as terras indígenas acontecia no fim do verão. Caídas às primeiras chuvas os Xukuru-Kariri se mobilizavam para as pequenas plantações nas dependências do Posto Indígena, pois, a agricultura de subsistência dependia dos raros volumes pluviométricos. Motivados pela falta de recursos financeiros e exploração em fazendas circunvizinhas ao Posto, os trabalhos em usinas geralmente eram exercidos sob a clandestinidade e em regimes sazonais, o “Seu” Basto foi um dos poucos a terem a carteira de trabalho registrada entre os índios Xukuru-Kariri:

No verão, as roças aqui eram naquela serra ali, aí meu pai não tinha [...] a gente trabalhava para o fazendeiro, ganhava um trocadinho, a diário do fazendeiro era muito barata aqui, e lá na usina eu ganhava uma diarinha mais maior, aí eu ia né?! Até quando eu me casei que eu tinha dezenove anos, eu ainda fui uns dois anos, em setenta e cinco foi que eu deixei que fui trabalhar de fichado em usina.

³⁶Francisco Félix da Silva, “Chico Aleixo”, 62 anos. Aldeia Fazenda Canto, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 05/02/2019.

Os deslocamentos de indígenas Xukuru-Kariri do Posto Indígena Irineu dos Santos foram motivados por questões econômicas, secas periódicas, crescimento demográfico e insuficiência territorial. Os retornos aos locais de origem geralmente ocorriam ao término das atividades de trabalho nos centros urbanos ou em trabalhos sazonais no corte de cana de açúcar na Zona da Mata em Alagoas, formas de denotar o “pertencimento a grupos domésticos”:

Examinamos vários exemplos de como indivíduos e pequenos grupos podem mudar de local de moradia, de padrão de subsistência, de lealdade e formas políticas ou de pertencimento a grupos domésticos em função das circunstâncias econômicas e políticas específicas relativas à sua posição original e em meio ao grupo assimilador. Mas isso ainda não explica completamente porque tais mudanças levam a mudança de identidade étnica, sem que essa troca de pessoal afete os grupos étnicos dicotomizados (BARTH, 2000, p. 47).

De acordo com a documentação do Museu do Índio/RJ, alguns deslocamentos indígenas chegavam a durar anos. O retorno de indígenas Xukuru-Kariri que migraram em 1953, aconteceu no ano de 1957, por exemplo, conforme consta no quadro a seguir:

ANO	MÊS	MENINAS (MEN. 12 ANOS).	MENINOS (MEN. 12 ANOS).	MULHERES	HOMENS
1957	JANEIRO	30	19	16	26
1957	FEVEREIRO	30	19	16	26
1957	MARÇO	51	52	53	38
1957	ABRIL	18	22	40	52
1957	MAIO	51	52	53	38
1957	JUNHO	51	52	53	38
1957	JULHO	51	52	53	38
1957	AGOSTO	51	52	53	38
1957	SETEMBRO	60	55	94	84
1957	OUTUBRO	60	55	94	84
1957	NOVEMBRO	60	55	94	84
1957	DEZEMBRO	60	55	94	84

Quadro 02: Demografia Xukuru-Kariri no Posto Indígena Irineu dos Santos em 1957.

Fonte: Museu do Índio/Rio de Janeiro.

Adaptações: Adauto Rocha.

Os regressos das usinas eram marcados por trabalhos em fazendas, na agricultura e construção civil³⁷. Uma alternativa utilizada pelo Posto Indígena Irineu dos Santos foi colocar os indígenas Xukuru-Kariri para cuidarem da pequena produção agropecuária do Posto. De acordo com a documentação do SPI, apenas em 1961 os indígenas mantiveram quatro reses machos como patrimônio particular, enquanto que o Posto Indígena tinha uma média de quinze animais, entre os quais: nove novilhas, dois bois, três mulas e uma égua. O fato dos animais dos indígenas serem do sexo masculino, impossibilitava a procriação e produção leiteira, base da alimentação em tempos de padecimento³⁸. Sobre a criação de gado no Posto Indígena Irineu dos Santos “Seu” Antonio Selestino³⁹ afirmou:

Eles criavam muitas roças [...] “é a roça do Posto”, e depois, desaparecia. Não chegava para o índio, nada. Eu falei aqui em trabalhar com gado, trabalhei com gado quando criança, treze cabeças de novilhas compradas a Gerson Maranhão em Águas Belas, e duas burras, o SPI trouxe para cá. E quando eu deixei, estava com trinta e seis cabeças, de treze! E esse chefe do Posto foi desaparecendo [...] de trinta e seis, com poucos, poucos dias, voltou só para alguns, para não acabar de uma vez ficou em dez ou doze e foi fracassando até... Tudo movido pelo Chefe do Posto.

Motivado por trabalhos fora da Aldeia Fazenda Canto, “Seu” Antonio Selestino atuou na produção fumageira no município de Arapiraca/AL e como pintor na cidade de Maceió, após adquirir prática pintando casas nas periferias em Palmeira dos Índios. Os deslocamentos realizados permitiram retornos para o Posto Indígena Irineu dos Santos semanalmente ou a cada quinze dias.

³⁷“A maioria deles trabalha á particulares e com o resultado de trinta cruzeiros diários compram cereais, etc: e até bananas compram”. Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado pelo auxiliar de Inspetor, Cícero Cavalcanti de Albuquerque para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 31 de maio de 1958. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 02 – Fotog. 75-76. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

³⁸Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 31 de julho de 1961. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Planilha 04 – Fotog. 80, 81. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

³⁹Antonio Selestino da Silva, 80 anos. Aldeia Boqueirão, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 26/01/2019.

Esubulho territorial e migrações Xukuru-Kariri

Outros indígenas Xukuru-Kariri atuaram na área da saúde no âmbito do Serviço de Proteção aos Índios em parceria com o Hospital Regional Santa Rita, sediado em Palmeira dos Índios. A colaboração de funcionários do referido Hospital, resultava em orientações para a prevenção de doenças e estágios na área da maternidade para parteiras na Aldeia Fazenda Canto⁴⁰.



Fotografia 02: Hospital Santa Rita em 1964.

Foto: Autor desconhecido.

Fonte: acervo do GPHIAL.

As relações entre o território indígena Xukuru-Kariri e o Hospital Regional Santa Rita permaneceram após o fim do Serviço de Proteção aos Índios e instituição das atividades na Funai, em 1967. Maria da Salete Souza (Dona Salete⁴¹) recordou a época em que foi estagiária no referido hospital:

⁴⁰Fichas de dados demográficos, relatam a visita de representantes do Governo Holandês e o início da campanha de combate aos vermes, dirigida pela analista e enfermeira do Hospital e Maternidade de Santa Rita, em Palmeira, começando com a construção de fossas”. Aviso do Posto Indígena Irineu dos Santos enviado Pelo Inspetor Mário da Silva Furtado para o Chefe da IR-4, Raimundo Dantas Carneiro em 30 de novembro de 1964. IR-4/069, Posto Indígena Irineu dos Santos, Caixa 165. Mf. 167 – Fotog. 874; 879. Serviço de Proteção aos Índios. Museu do Índio/Rio de Janeiro.

⁴¹Maria da Salete Souza, Dona Salete, 74 anos. Aldeia Mata da Cafurna, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 15/02/2019.

Não ganhei um centavo, terminei e fiquei indo uma vez por semana, duas, assim, que eu podia eu ia mas, sem contrato, sem ganhar nada. Os doutores da Funai foi (e) falou (para) umas mulheres lá para eu estagiar, aprender. Depois disso, aí eu parei, aí a Funai já mandou que eu fosse para Kariri-Xocó, lá foi onde eu comecei a trabalhar, aí foi quando eu já fui ganhando um dinheirinho.

As experiências compartilhadas por indígenas Xukuru-Kariri acerca das migrações motivadas pelas secas frequentes, crescimento demográfico e insuficiência territorial, permitiram compreendermos a política assistencialista do SPI a partir da distribuição de alimentos, recrutamento de indígenas para atividades agropecuárias no Posto e deslocamentos compulsórios para trabalhos durante o século XX.

Os fluxos de indígenas em trabalhos sazonais permaneceram pela insuficiência territorial e morosidade nos processos de demarcação territorial pela Funai. Os destinos de muitos Xukuru-Kariri diversificaram-se ao longo dos tempos pela “circularidade migratória”⁴² nas funções exercidas em atividades sazonais e no regresso para a agricultura nas aldeias em Palmeira dos Índios.

Portanto, a organização estrutural do Posto Indígena Irineu dos Santos somada ao esbulho territorial, possibilitaram a criação de “redes”⁴³ migratórias e posteriores mobilizações em busca de reconhecimento étnico e de direitos instituídos constitucionalmente, como: demarcação territorial, educação e saúde diferenciadas, atendendo as especificidades do povo Xukuru-Kariri.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BEZERRA, Deisiane da Silva. **A atuação do Padre Alfredo Dâmaso e suas contribuições para o reconhecimento étnico dos Fulni-ô e as mobilizações**

⁴²VER MENEZES, 1985.

⁴³ IDEM, 2002.

indígenas no Nordeste contemporâneo. Campina Grande: UFCG, 2018 (Dissertação Mestrado em História).

COVER, Maciel. **O tranco da roça e a vida no barraco:** um estudo sobre os trabalhadores migrantes no setor do agronegócio canavieiro. João Pessoa: EdUFPB, 2011.

FLORES, José Manuel. **Transformação agrária e desapropriação de terras indígenas em Mato Grosso (1940-1960):** o caso da reserva Kadiwéu. Brasília: Anuário Antropológico, v. 43, n° 01, 2018, p. 285-314.

MARTINS, Sílvia Aguiar Carneiro. **Os caminhos da aldeia:** índios Xukuru-Kariri em diferentes contextos situacionais. Recife: UFPE, 1994 (Dissertação Mestrado em Antropologia).

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba:** migração, família e reprodução da força de trabalho. Campina Grande: UFPB, 1985. (Dissertação Mestrado em Sociologia).

_____. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes:** um estudo de famílias de camponeses migrantes. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A presença indígena no Nordeste:** processos de territorialização, modos de reconhecimento e regime de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

_____. **A viagem de volta:** etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

_____. **Regime tutelar e faccionalismo:** política e religião em uma reserva Ticuna. Manaus: UEA, 2015.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **“O nosso governo”:** os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero, 1988.

PERES, Sidnei. SPI, indianidade e indigenismo no Nordeste: cotidianidade e historicidade do poder tutelar. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (Org.). **Memória do SPI:** textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967). Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2011, p. 321-329.

_____. Terras indígenas e ação indigenista no Nordeste (1910-1967). In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A viagem de volta:** etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15-38.

ROCHA, Adauto Santos da. **É indo que se volta: a família Ricardo e a formação da Fazenda Canto (1872-1952)**. Palmeira dos Índios: UNEAL, 2017 (Monografia Conclusão de Curso em História).

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 15-20.

SILVA, Edson. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950 – 1988**. Recife: EdUFPE, 2014.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando sentidos: os Xucuru-Kariri e o Serviço de Proteção aos Índios no Agreste alagoano**. Maceió: EdUFAL, 2013.

Entrevistas

Antonio Selestino da Silva, 80 anos. Aldeia Boqueirão, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 26/01/2019.

Cícero Terto do Nascimento, “Grilo”, 53 anos. Aldeia Mata da Cafurna, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 23/03/2019.

Francisco Félix da Silva, “Chico Aleixo”, 62 anos. Aldeia Fazenda Canto, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 05/02/2019.

Geraldo Maiscena da Silva, “Santa Luzia”, 60 anos. Aldeia Mata da Cafurna, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 27/03/2019.

Maria da Salete Souza, Dona Salete, 74 anos. Aldeia Mata da Cafurna, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 15/02/2019.

Sebastião Cosme de Oliveira, “Seu” Basto Cosme”, 64 anos. Aldeia Fazenda Canto, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 09/02/2019.

Sebastião Ricardo da Silva, “Dato”, 60 anos. Aldeia Fazenda Canto, Território Xukuru-Kariri, Palmeira dos Índios/AL, em 06/02/2019.